

ENTRE GUIMARÃES ROSA E NIETZSCHE: AS TRÊS TRANSFORMAÇÕES DO ESPÍRITO

Mauro Leal¹
(UFPA)

Resumo: O conto *O espelho*, de Guimarães Rosa, narra a história de um indivíduo que, através de sua imagem refletida no espelho, inicia um processo de reconhecimento de si, uma vez que tal reflexo não consegue expressar quem ele é de fato, mas somente apresentar uma imagem que em nada o representa em sua essência. Pode-se depreender, em tal obra, três transformações, a saber: a primeira, na qual o indivíduo se confronta inicialmente com sua imagem refletida no espelho, a qual o perturba. Esse é o que se pode chamar de ponto de partida para todo o processo de reconhecimento de si. A segunda aponta para uma suspensão da visão que o indivíduo tem de si, incluindo fatores genéticos e estéticos. A terceira transformação compreende o início efetivo do nascimento do “eu” do narrador, metaforizado através da imagem da criança. Pretende-se estabelecer uma relação interpretativa entre o referido conto com a filosofia de Friedrich Nietzsche, cuja obra *Assim falou Zaratustra*, apresenta transformações similares através da figura do camelo, do leão e, por fim, da criança. Buscar-se-á explicitar, dessa forma, relacionando o conto de Guimarães Rosa com a filosofia de Nietzsche, o processo efetivado pelo indivíduo para questionar ideologias estabelecidas, que lhe são impostas no decorrer da vida e ele deve carregá-las, como o camelo, mas que, diante de um processo questionador, possa desfazer tais concepções, destruindo-as, tal qual o leão, para, enfim, descobrir quem de fato é através de um novo “eu”, como a criança, que tudo questiona.

Palavras-chave: Espelho. Transformações. Homem.

Introdução:

O conto *O Espelho*, do escritor João de Guimarães Rosa, foi publicado em 1962, em *Primeiras Histórias*, e trata de um tema que, para muitos, converge para o místico e o metafísico. Contudo, prefere-se, neste trabalho, interpretá-lo sob o viés da tentativa de traduzibilidade da alma humana, desatrelada de qualquer experiência sobrenatural, uma vez que a história de *O Espelho* pode ser compreendida sob os mais variados significados. Aqui se propõe uma leitura filosófica do mesmo, uma vez que literatura e filosofia, em consonância constante, dialogam em um terreno que ambas conhecem há tempos: o próprio homem.

O referido conto roseano trata da questão do homem como algo maleável, volitivo, que se encontra em constante oscilação, ou melhor, mudança. Esse processo é

¹ Mauro LEAL. Universidade Federal do Pará (PPGL-UFPA). E-mail: maurolleal2@gmail.com

alvo de estudo por parte da filosofia há muito tempo, algo que não será aqui aprofundado, mas que se observa para salientar que *O Espelho* é uma obra que se encontra em harmonia com profundos e inesgotáveis temas que afligem e maravilham o homem desde que este sobressaiu do plano puramente instintivo do meio animal e passou a refletir sobre si e sua realidade. Poeticamente o homem habita, já afirmaria Heidegger através de Hölderlin², argumentando que o homem não é somente técnica, ciência e exatidão, elementos tão sedutores na atualidade, mas também desmedida, desmesura, cuja essência não se orienta absolutamente pela razão e reflexão científica. É exigido do homem uma quantificação de si que não procede com a realidade, posto que a racionalidade assim o exige, mas este é um problema que, além de arbitrário, uma vez que o homem é o único animal que se impõe tal tarefa, não possui uma resposta emoldurável nos padrões de exatidão exigido no campo do conhecimento científico. Como medir a maldade ou a bondade de um indivíduo? Como definir até mesmo o que é bom ou mal? A relativização do debate insere o homem em um enigma para o qual se tem apenas possibilidades de respostas.

1. O espelho humano de Guimarães Rosa

Guimarães Rosa, em *O Espelho*, não tenciona oferecer a sua versão da verdade, mas sim expor uma situação na qual se apresenta a transformação de um indivíduo, não nomeado no conto, que estabelece um diálogo com outro personagem que não aparece na narrativa e é denominado apenas de “senhor”. Escrito em 1º pessoa, *O Espelho* inicia com a afirmação do narrador de que irá contar não uma aventura, mas uma experiência: “Se quer seguir-me, narro-lhe; não uma aventura, mas experiência, a que me induziram, alternadamente, séries de raciocínios e intuições” (ROSA, 1972, p. 71). O termo experiência foi utilizado pelo narrador com o evidente intuito de conceder à sua narrativa uma natureza mais séria e menos fantasiosa, o que se evidencia mais como um recurso argumentativo, uma vez que “experiência”, na atualidade, indica uma ação, que busca um determinado fim ou validar determinada teoria, para tanto aplicando-se a mesma experiência repetidas vezes para se chegar a uma conclusão. Contudo, a

² Texto que pode ser encontrado em HEIDEGGER, Martin. **Ensaaios e conferências**. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Márcia Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2002.

experiência vivida pelo narrador efetuou-se somente uma vez. Nesse ponto, o termo “experiência” está mais atrelado ao conceito latim *empiricus*, que enfatiza a experiência como algo desatrelado da teoria, ou seja, um evento praticado, vivido, exercitado sem qualquer base teórica como fator norteador para a sua concretude.

— O narrador, posteriormente, põe em um estado de suspensão a credibilidade das imagens refletidas nos espelhos. O que eles refletem de fato? Nós mesmos ou máscaras que usamos em nossas representações cotidianas nas relações sociais? Os próprios olhos são objetos de descrença por parte do narrador, o que demonstra que as imagens podem, por vezes, traduzir algo que não é factível ou é ilusório e estar, de alguma forma, adulterado: “E os próprios olhos, de cada um de nós, padecem viciação de origem, defeitos com que cresceram e a que se afizeram, mais e mais (...). Os olhos, por enquanto, são a porta do engano; duvide deles, dos seus, não de mim (ROSA, 1972, p. 73).”.

A transformação propriamente dita inicia-se em um lavatório, no qual o narrador, ainda moço, confrontou-se com a sua imagem refletida em dois espelhos. Entretanto, o que testemunhou foi algo bastante revelador, posto que se confrontou com um fato inesperado:

Foi num lavatório de edifício público, por acaso. Eu era moço, comigo contente, vaidoso. Descuidado, avistei... Explico-lhe: dois espelhos-um de parede, o outro de porta lateral, aberta em ângulo propício-faziam jogo. E o que enxerguei, por instante, foi uma figura, perfil humano, desagradável ao derradeiro grau, repulsivo senão hediondo. Deu-me náusea, aquele homem, causava-me ódio e susto, eriçamento, espavor. E era-logo descobri...era eu, mesmo! O senhor acha que eu algum dia ia esquecer essa revelação? (ROSA, 1972, p. 73).

No fragmento acima há de se observar pontos significativos para se tentar traçar uma espécie de perfil do narrador antes da sua transformação: era novo, contente e vaidoso. Aspectos estes que demonstram uma postura despreocupada, talvez advinda da juventude, época que para muitos significa despreocupação consigo e com as coisas relativas ao mundo.

Outro aspecto a ser salientado é a posição dos dois espelhos: ambos posicionados em um ângulo anormal, cuja imagem produzida por um e lançada para o

outro espelho resultasse na figura monstruosa que o narrador observou de si mesmo. A imagem grotesca, por assim dizer, vislumbrada pelo narrador é o resultado de uma anomalia, de um posicionamento incomum dos espelhos, o que se configura como, desde já, uma possibilidade de quebra no cotidiano, na vida comum do narrador. Este acreditava não ser aquela criatura refletida, mas essa constatação conduz à outra: quem eu sou então? Inicia-se, dessa forma, um empreendimento pessoal e bastante significativo de uma espécie de busca por si mesmo, que ultrapasse o ilusório:

Desde aí, comecei a procurar-me – ao eu por trás de mim – à tona dos espelhos, em sua lisa, funda lâmina, em seu lume frio. Isso, que se saiba, antes ninguém tentara. Quem se olha em espelho, o faz partindo de preconceito afetivo, de uma mais ou menos falaz pressuposto: ninguém se acha na verdade feio: quando muito, em certos momentos, desgostamo-nos por provisoriamente discrepantes de um ideal estético já aceito. O que se busca, então, é verificar, acertar, trabalhar um modelo subjetivo, pré-existente; enfim, ampliar o ilusório, mediante sucessivas novas capas de ilusão (ROSA, 1972, p. 73-74).

2. Rosa e Nietzsche: homens, espelhos e transformações

Friedrich Nietzsche, por sua vez, abordou a questão da transformação do espírito através da voz de Zarathustra, filósofo persa que sintetiza os principais pensamentos da filosofia nietzschiana na obra *Assim Falou Zarathustra*, dentre os quais a possibilidade de, em uma reversão de valores, ser o que se é, ou seja, o além-do-homem. Entretanto, não se quer aqui abordar profundamente a visão nietzschiana sobre as três transformações, uma vez que elas remetem à uma crítica da história da filosofia conforme a visão referido filósofo, na qual ele mesmo parece se colocar como a criança ao fim de todo o processo, pois irá questionar toda a filosofia anterior a si, principalmente aquela centrada nas ideias de Platão e Aristóteles, e, posteriormente, a de Kant. Entretanto, a analogia com a transmutação do espírito no sentido do aprimoramento de si é claramente possível, uma vez que ela, pela própria titulação, refere-se ao espírito, o que permite amplas conjecturas sobre o que seria esse espírito, que, devido a um processo de desenvolvimento, atinge níveis ou patamares que parecem suprimir o anterior, até atingir o ápice, no qual se alcança a medida na qual todos os valores anteriores foram extirpados para a criação de novos, libertadores. Nesse sentido,

pode-se, antecipando a questão, afirmar que as três transformações conduzem essencialmente para a libertação do tipo homem.

A primeira transformação, a do espírito em camelo, encerra em si toda uma carga imagética e ideológica que podemos depreender já, de antemão, analisando a imagem do animal camelo. Este resiste ao deserto, suporta condições adversas por longos períodos, sendo passível a sua sobrevivência em tal ambiente hostil com o mínimo de água. Além disso, é um animal de transporte, que foi adaptado pelo homem para sua locomoção em longas viagens. Observa-se, portanto, que é um animal resistente, adestrado, que suporta pesadas cargas em situações extremas. Vejamos o que Zaratustra fala sobre essa primeira etapa de transformação do espírito:

Há muitas coisas pesadas para o espírito, para o forte, resistente espírito em que habita a reverência: sua força requer o pesado, o mais pesado. O que é pesado? Assim pergunta o espírito resistente e se ajoelha, como um camelo, e quer ser bem carregado. (...) Todas essas coisas mais que pesadas o espírito resistente toma sobre si: semelhante ao camelo que rumo carregado para o deserto, assim rumo ele para o deserto (NIETZSCHE, 2011, p.27-28).

O espírito é do âmbito humano, algo evidente e inegável. No senso comum fala-se em espírito de união, fortaleza do espírito, espíritos desencarnados etc., tal uso não é o mesmo aqui utilizado, apesar de a questão da resistência e da força do espírito estarem presentes, assim como outras características que podem soar similares. Mas, com base no conto de Guimarães Rosa e no pensamento de Nietzsche, coloca-se o sentido de espírito como aquele no qual o sujeito é refletido, ou seja, uma decisão, a assimilação de uma crença ou ideologia, uma predisposição moral, estas e outras ações refletem-se no espírito tal qual o quadro de Dorian Gray em *O Retrato de Dorian Gray*³. No campo das ideologias, pode-se afirmar que o espírito carrega todos os valores que são impostos ao homem sem qualquer análise crítica ou questionamento mais contundente. Desde a infância são impostos ao indivíduo valores morais que, pela tradição social, são repassados de geração para geração, como dogmas que não devem ser questionados ou alterados. E nesse jogo de injunção moral, avoluma-se sobre o espírito uma “carga” que

³ Obra do escritor britânico Oscar Wilde, cujo enredo está centrado em Dorian Gray, rapaz de expressiva beleza física e que, por motivos obscuros, não envelhece, uma vez que as marcas da sua degradação moral e temporal são repassadas para uma pintura que foi feita de si por Basil Hallward.

muitas vezes não se sabe ao certo o motivo de sua existência, sua finalidade ou praticidade, cabendo ao homem apenas segui-las de modo inquestionável, pois muitos dogmas não são do âmbito da compreensão humana, sendo esta a justificativa dada em muitos casos para saciar indagações ou questionamentos.

O personagem de Guimarães Rosa encarna a imagem do camelo no primeiro momento, pois a sua imagem refletida no espelho está abarrotada de valores que perpassam inclusive pelo reconhecimento físico de si, e aqui retomemos a palavra “ vaidade”, a qual o narrador usou para descrever-se na época da sua mocidade: “— Foi num lavatório de edifício público, por acaso. Eu era moço, comigo contente, vaidoso. Descuidado, avistei... Explico-lhe: dois espelhos” (ROSA, 1972, p. 73). A tenra idade e a visão vaidosa que possuía revelam uma concepção superficial não apenas do mundo, mas também de si mesmo, posto que auto avaliar-se quase sempre se configura como algo complexo, dada a dificuldade do indivíduo em se projetar externamente. A partir disso, pode-se tentar compreender o espanto do narrador do conto roseano ao ver a sua imagem refletida no espelho, imagem esta que não condizia com aquilo que ele havia idealizado de si. Adentra-se, nesse ponto, na questão do incômodo, na apreensão, no inquietamento, condições básicas para que a possibilidade de novos pensamentos ou posturas surjam.

Antes de prosseguirmos com as três transformações, faz-se necessário uma breve interpretação da questão do espelho como uma visão de similaridade ao deserto. Em ambos, no objeto e na referida paisagem, temos a presença da imensidão. Um espelho, de qual ângulo se olha, reflete sempre uma imagem, um panorama, um indivíduo posto em um determinado cenário, visão essa que nunca cessa, é constante. E se antepormos um espelho diante do outro, temos a visualização do incomensurável. O deserto, por sua vez, é a presença daquilo que se projeta sobre o indivíduo na representação do vazio, do quase nada, podendo ser também abordado como uma espécie de convite ao trilhar a ausência para todo aquele que se dispõe a transpô-lo. O deserto é a imagem contraposta da grande cidade, dos centros urbanos, no qual o homem está em constante competição com o outro; local, ainda, onde são postulados os valores, reforçadas os ideais, os desejos e anseios. A megalópole, com arranha-céus, sua tecnologia, seus facilitadores da vida moderna, ou não, impõe suas condições ao homem, exige a participação deste no sistema que rege o funcionamento de um mecanismo social nivelador, que visa diminuir

o homem nas suas potencialidades, almejando, em contrapartida, o indivíduo dócil e trabalhador, apenas.

O espelho serviu, ao narrador, como ponto de estranhamento de si para consigo mesmo, pois percebeu o incomum de algo através da sua imagem. Pode-se dizer, portanto que o espelho funcionou como o deserto para o camelo, local no qual as estruturas estabelecidas como modernas e eternas (no sentido ideológico, que muda as fórmulas de controle do indivíduo, mas não abre mão desse controle) são desfeitas. O deserto do espelho colocou o narrador do conto em contato com uma realidade que até então não tinha conhecimento. Iniciado o processo de esfacelamento da imagem construída sobre si, o narrador não poderia mais voltar ao seu estado de letargia, de adormecimento, pois uma vez que a ação de auto reconhecimento, ou descobrimento, inicia não há mais volta, haja visto que o incômodo, o mal-estar, não o abandona mais: “É preciso, portanto, ir adiante. Sendo assim, necessitava eu de trasverberar o embuço, a travisagem daquela **máscara**, a fito de devassar o núcleo dessa nebulosa – a minha vera forma. Tinha de haver um jeito” (ROSA,1972, p. 74).

O termo “máscara” descreve claramente a concepção que o narrador enfim vislumbrou daquela imagem que havia construído acerca do seu eu. Agora detinha a compreensão de que a figura no espelho não era ele. No decurso do processo, o segundo passo, após o cair do véu das aparências, é ir em busca do seu eu verdadeiro. E nesse ponto temos a segunda transformação, que se refere ao leão:

Mas no mais solitário deserto acontece a segunda metamorfose: o espírito se torna leão, quer capturar a liberdade e ser senhor em seu próprio deserto. Ali procura o seu derradeiro senhor: quer se tornar seu inimigo e derradeiro deus, quer lutar e vencer o grande dragão. Qual é o grande dragão, que o espírito não deseja chamar de senhor e deus? “Não-farás” chama-se o grande dragão. Mas o espírito do leão diz “Eu quero” (NIETZSCHE, 2011, p. 28)

Sobre essa segunda transformação, explica-nos Azeredo: “Se o camelo corresponde ao espírito de carga, o leão aparece para desvencilhar-se dos fardos. Esse é o sentido da busca por liberdade”(AZEREDO, 2011, p. 68). Dessa forma, explicita-se a questão da liberdade já como objetivo almejado. Mas liberdade de quê? Não é livre o narrador do conto para ir e vir, adotar esta ou aquela religião, seguir este ou aquele posicionamento político? Nos três exemplos de liberdade há cerceamento, há valores

impostos que são seguidos de modo quase inconsciente. Ir e vir nos limites da lei, conforme os valores morais vigentes, adotar uma religião como pressuposto para a salvação da alma, cuja existência nunca é questionada, ela existe, dizem os que desse conceito fazem uso, e pronto. Desde que os gregos criaram o conceito de democracia e o inseriram como uma necessidade no campo político, criou-se no homem o imperativo de um posicionamento político, seja qual for, pois todos ele está, de alguma forma, coadunado com os valores sociais estabelecidos como verdadeiros e únicos. Esquerda ou direita, ou até mesmo neutro (pois se é “livre” para adotar até mesmo esse posicionamento), é uma forma de aceitação do que é apregoadado como ditames aceitáveis para um bom e produtivo cidadão.

A liberdade que busca o narrador de *O espelho* é totalmente diversa da liberdade conceituada no plano social. É dito e repetido que todo homem nasce livre, mas esse mantra reforçado principalmente pelos franceses após a revolução francesa não levou em consideração uma forma de prisão mais sutil, até mesmo alegre, mas não menos mortífera, ao menos para o espírito humano: a ideológica. Do nascimento até à morte, o homem segue uma cartilha de comportamento e valores que ele abraça religiosamente, caminhando daqui para ali acreditando que essa é a sua liberdade de locomoção para onde desejar. Escolher entre três livros não significa essencialmente um ato de liberdade, pois se exclui o quarto, quinto ou até mesmo o sexto livro, ou mais, na oferta de opções. O Estado, ou a Igreja, ou qualquer outra forma de controle, brada: “Você somente pode agir nesses limites de atuação” e o homem, tal qual o camelo da narrativa de Zaratustra, ajoelha-se e diz, submisso, “sim”.

O grande dragão encarna essa cominação que o homem sofre. Ele ordena: “Não farás”, e os homens, tais quais um rebanho bem domesticado, acolhem, pois não querem desfazer a ordem das coisas. Aceitam, pois não têm outra opção. Concordam, pois foram educados dessa forma desde a mais tenra infância. Mas o espírito, transformado em leão, recusa essa ameaça do grande dragão, efetuada, muitas vezes, juntamente com um afago ou tapinha nas costas. O homem quer a liberdade de poder posicionar-se por si mesmo, desvencilhando-se de uma prisão sem muros, mas que o impede de ser ele mesmo.

Ao buscar a sua verdadeira imagem, o narrador roseano almeja também essa

liberdade, pois ele quer saber quem é de fato, mas como não existem valores que explicitem esse desejo, o fato de o seu espírito ter se tornado leão abre possibilidades de, na sua busca por liberdade, também se tornar um indivíduo criador de valores, pois reconhecer que sua imagem foi construída de fora para dentro é ter consciência também de que essa dominação ideológica se espalha para outros campos, o que, ao perscrutador, indica dizer que ele vive através dos valores alheios, não os seus, pois nunca os teve. O personagem roseano busca-se, quer se encontrar, saber quem é, transpondo o ilusório:

Desde aí, comecei a procurar-me — ao eu por detrás de mim — à tona dos espelhos, em sua lisa, funda lâmina, em seu lume frio. Isso, que se saiba, antes ninguém tentara. Quem se olha em espelho, o faz partindo de preconceito afetivo, de um mais ou menos falaz pressuposto: ninguém se acha na verdade feio: quando muito, em certos momentos, desgostamo-nos por provisoriamente discrepantes de um ideal estético já aceito. Sou claro? O que se busca, então, é verificar, acertar, trabalhar um modelo subjetivo, preexistente; enfim, ampliar o ilusório, mediante sucessivas novas capas de ilusão. Eu, porém, era um perquiridor imparcial, neutro absolutamente. O caçador de meu próprio aspecto formal, movido por curiosidade, quando não impessoal, desinteressada; para não dizer o urgir científico. Levei meses (ROSA, 1972, p. 73-74).

Meses e anos para derrubar uma imagem construída durante uma vida inteira. A busca

é “desinteressada” e “científica”, pois ideologias prontas manipulam o subjetivo, o pessoal de cada um, moldando, através de um jogo de ideias, aquilo que o indivíduo quer ver, ouvir, sentir. O narrador afasta-se dessa postura, tenta ser o mais objetivo possível, pois o que procura está oculto para além das aparências e das quimeras metafísicas. E aqui se insere a terceira transformação, talvez a mais complexa, a da criança. Sobre ela, afirma Zaratustra:

Mas dissei-me, irmãos, que pode fazer a criança, que nem o leão pôde fazer? Por que o leão rapace ainda tem que se tornar criança? Inocência é a criança, e esquecimento; um novo começo, um jogo, uma roda a girar por si mesma, um primeiro movimento, um sagrado dizer-sim. Sim, para o jogo da criação, meus irmãos, é preciso dizer sagrado dizer-sim: o espírito quer agora *sua* vontade, o perdido para o mundo conquista *seu* mundo (NIETZSCHE, 2011, p. 28).

A criança representa um início, mas que advém da destruição. Somente na transformação em criança é possível ultrapassar as fronteiras morais que impedem o

homem de prosseguir em sua jornada de conhecimento de si, na sua afirmação enquanto tal. Suprimidos tais entraves, o homem insere-se na condição de interpretação, de possibilidade, de criação. Mas essa nova criação já pressupõe sua destruição, em um movimento circular que não cessa, pois, do contrário, retorna-se aos dogmas e verdades absolutas, algo que Nietzsche quer não apenas suprimir, mas também evitar.

Nessa nova condição, o homem posiciona-se em um plano no qual bem e mal já não mais existem; em que o niilismo encontrou seu fim, pois agora nenhum valor é eterno, nenhuma verdade pode coroar-se imutável. O olhar ingênuo da criança se renova constantemente sobre si e sobre o mundo, possibilitando o surgimento daquele que Nietzsche denominou de além-do-homem.

Considerações finais:

No conto, temos a figura da criança após o esfacelamento da imagem que o narrador antes tinha de si, pois, certo dia, ao buscar seu reflexo, no seu lugar havia o nada:

Um dia... Desculpe-me, não visio a efeitos de ficcionista, inflectindo de propósito, em agudo, as situações. Simplesmente lhe digo que me olhei num espelho e não me vi. Não vi nada. Só o campo, liso, às vácuas, aberto como o sol, água limpíssima, à dispersão da luz, tapadamente tudo. Eu não tinha formas, rosto? Apalpei-me, em muito. Mas, o invisto. O ficto. O sem evidência física. Eu era — o transparente contemplador?... Tirei-me. Aturdi-me, a ponto de me deixar cair numa poltrona. (ROSA, 1972,p. 76).

O vazio, o nada, em muitos casos representa a inserção do indivíduo em um plano de absoluta abstração que pode conduzi-lo à destruição de si. Sem suporte, sem um porto seguro, tal homem sucumbe. Mas há também o efeito contrário: consciente de que está lançado ao nada, há de se criar novas bases, agora por si próprio. Eis a criança que surge, pois somente ela possui essa característica criadora:

Pois foi que, mais tarde, anos, ao fim de uma ocasião de sofrimentos grandes, de novo me defrontei — não rosto a rosto. O espelho mostrou-me. Ouça. Por um certo tempo, nada enxerguei. Só então, só depois: o tênue começo de um quanto como uma luz, que se nublava, aos poucos tentando-se em débil cintilação, radiância. Seu mínimo ondear comovia-me, ou já estaria contido em minha emoção? Que luzinha, aquela, que de mim se emitia, para deter-se acolá, refletida, surpresa? Se quiser, infira o senhor mesmo (...). E... Sim, vi, a mim mesmo, de novo, meu rosto, um rosto; não este, que o senhor

razoavelmente me atribui. Mas o ainda-nem-rostos — quase delineado, apenas — mal emergindo, qual uma flor pelágica, de nascimento abissal... E era não mais que: rostinho de menino, de menos-que-menino, só. Só. Será que o senhor nunca compreenderá? (ROSA, 1972,p. 77).

A procura se completa. A criança que se revela indica um novo começo, permeado de valores que não se baseiam no tradicionalismo, na repetição doentia de deveres e normas que visam somente à cegueira do homem. Ver a si, finalmente, indica uma nova aurora que poucos têm a oportunidade de vislumbrar. Daí a indagação final, crucial: "Você chegou a existir?" que o narrador lança ao seu interlocutor. Existência orgânica compartilhada por todos os seres vivos não é a mesma de uma existência consciente de quem se é e como se é.

Referências bibliográficas:

ARAÚJO, Heloisa Vilhena de. **O Espelho**: Contribuição ao estudo de Guimarães Rosa. São Paulo: Mandarim, 1998.

AZEREDO, Vânia Dutra de. As transmutações do espírito no Zaratustra de Nietzsche. In: **Leituras de Zaratustra**. Org: Rosa Dias, Sabina Vanderlei e Tiago Barros. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011.

HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e conferências**. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Márcia Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim Falou Zaratustra**. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ROSA, Guimarães. **Primeiras Histórias**. 6º ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1972.

WILDE, Oscar. **O Retrato de Dorian Gray**. Rio de Janeiro: L&PM, 2001.